

As faces do regionalismo em Hélio Serejo

The faces of regionalism in Hélio Serejo

Carolina Bergamo Gomes Amato¹

Susylene Dias de Araujo²

RESUMO: Hélio Serejo é conhecido por rememorar os aspectos sociológicos, políticos, econômicos e culturais da região da fronteira Brasil-Paraguai no final do século XIX e início do século XX, período do Ciclo da Erva-mate. Nota-se explicitamente a estética regionalista em sua obra, visto que as narrativas são pautadas em aspectos da região em destaque. O conceito amplo de regionalismo leva-nos à ideia de que características do espaço físico e da cultura de determinada região e povo permeiam uma obra com tal estética literária, no entanto é possível abrir uma discussão a respeito desse conceito original, e torna-se desafiador discutir o que vem a ser o regionalismo de forma mais abrangente. A análise histórica e social de determinada região e povo, permite-nos desvendar as consequências culturais da heterogeneidade social. O presente trabalho visa à análise da obra de Hélio Serejo, em uma perspectiva regionalista, e leva-nos a compreendê-la como universal. Para tal análise, são apresentados os aspectos do regionalismo serejeano, como aspecto geográfico, político, econômico, étnico e cultural. Os contos **Carai** (2008) e **Lobisomem** (2008), de Hélio Serejo, serão o corpus do trabalho, e servirão como base para fomentar o estudo autores como Lúcia Miguel-Pereira (1973), além de Lígia Chiappini (1995) e Georg Lukács (1978), cujas obras possibilitam uma compreensão teórica e uma análise diferenciada para viabilizar a fundamentação e a percepção da universalidade na obra de Hélio Serejo.

PALAVRAS-CHAVE: Hélio Serejo; Regional; Universal.

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: carolbergammo@hotmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Brasil. E-mail: susylene@uems.br

ABSTRACT: Hélio Serejo is known for recalling the sociological, political, economic and cultural aspects of the Brazil-Paraguay border region in the late nineteenth and early twentieth centuries, the period of the Erva-mate Cycle. The regionalist aesthetic is explicitly noted in his work, since the narratives are based on aspects of the region in focus. The broad concept of regionalism leads us to the idea that features of the physical space and culture of a particular region and people permeate a work with such a literary aesthetic, however it is possible to open a discussion about this original concept, and it becomes challenging Regionalism in a more comprehensive way. The historical and social analysis of a given region and people allows us to unravel the cultural consequences of social heterogeneity. The present work aims at the analysis of the work of Hélio Serejo, from a regionalist perspective, and leads us to understand it as universal. For this analysis, the aspects of regionalism of the Serejo are presented, as geographic, political, economic, ethnic and cultural aspect. The stories **Carai** (2008) and **Lobisomem** (2008), by Hélio Serejo, will be the corpus of the work, and will serve as a basis for promoting the study, authors such as Lúcia Miguel-Pereira (1973), and Lígia Chiappini (1995) and Georg Lukács (1978), whose works enable a theoretical understanding and a differentiated analysis to enable the foundation and perception of universality in the work of Hélio Serejo.

KEYWORDS: Hélio Serejo; Regional; Universal.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando pensamos em uma obra regionalista, logo se remete à ideia de que o conteúdo do texto tem ênfase nas particularidades locais do ambiente da narrativa. Essa visão traz alusão à descrição da paisagem de uma região específica, podendo ser exaltada, idealizada, como também a hostilidade de determinado lugar.

Essa concepção de regionalismo, delimitada a um cenário somente, restringe-se à afirmação da cor local. Nesse sentido, é pertinente a reflexão de Lúcia Miguel-Pereira (1973), que nos leva a compreender que o valor estético da obra regionalista pode ser estimado pela inclinação a temas universais. Ou seja, considera-se a formação histórica e cultural de uma região, que pode ser ocasionada por questões econômicas ou políticas, por exemplo.

A obra que consegue abranger os aspectos ligados à formação da região vai além do pitoresco. O personagem entra em contato com questões humanas, não se relacionando, assim, apenas com a paisagem, assim, as questões levantadas podem ser reconhecidas e compreendidas por outros grupos, não apenas por aquele ligado à região utilizada como ambiente da narrativa em questão.

Tratando-se, porém, de expressão literária, portanto artística, é pela sua capacidade de, lidando com elementos locais, atingir o universal, que se mede o seu valor; o que importa não é que os nativos se reconheçam no retrato, mas que o retrato impressione aos que ignoram

os modelos, faça-os penetrar num mundo novo. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 2015).

Quando se considera a paisagem como ponto principal, a obra literária

[...] tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade (CANDIDO, 1975, p. 212-213)

Considerando essa linha de raciocínio, torna-se um desafio discutir o regionalismo de forma mais abrangente, de forma que a paisagem não exerça uma função tão relevante quanto o personagem e sua relação social.

Discute-se então um regionalismo não ligado estritamente ao espaço físico, mas a um espaço cultural, o que permite uma visão histórica dos acontecimentos, permitindo, assim, a problematização das relações sociais e culturais em determinado tempo e espaço.

Tais discussões levam-nos a refletir acerca do regionalismo e suas nuances na literatura de Hélio Serejo. Para isso, a análise neste artigo pauta-se na consideração do ambiente tido como espaço da narrativa serejeana, a região de fronteira Brasil-Paraguai, sul do antigo Mato Grosso, como uma região de hibridação cultural, em que o processo de formação da região envolve aspectos variados como históricos, sociais, econômicos e políticos, o que nos permite visualizar o homem inserido nesse ambiente, desvencilhando a sua obra de uma mera representação da paisagem local.

1. AS NUANCES DO REGIONALISMO

Considerando o regionalismo literário de forma abrangente, além do espaço geográfico, é relevante destacar as concepções de Lígia Chiappini (1995), que traz em sua tese uma reflexão bastante pertinente acerca do regionalismo e a relação com a universalidade.

Para a autora,

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tornar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo comum mesmo: homem humano. (CHIAPPINI, 1995, p.157).

O regionalismo analisado por Chiappini (1995) não se fecha a um espaço geográfico, mas se estende para um movimento ao mesmo tempo político, cultural e literário. Essas questões levam-nos à análise da humanização da narrativa, pois trata do processo de formação cultural, em que sujeitos e suas relações sociais estão em evidência. Essa discussão leva-nos à perspectiva universal, em que não se considera somente a paisagem, mas todo um processo de formação cultural da região que envolve indivíduos. Passa-se a observar a consciência do personagem, visto que “é o espaço histórico-geográfico entranhado e vivenciado pela consciência das personagens, que permite concretizar o universal” (CHIAPPINI, 1995, p. 157).

Portanto, a literatura representa a formação de identidades culturais, as relações sociais e o indivíduo diante disso, o que destaca o caráter universal da obra. Aborda-se o ambiente, assim como o sujeito subjetivo inserido naquele contexto, as questões humanas e sociais, ultrapassando os limites do pitoresco.

Nessa discussão conceitual acerca do regionalismo buscamos encontrar o viés universal na obra de Hélio Serejo. Diante disso, é oportuno refletir sobre o “entre-lugar” na literatura regionalista. Nesse sentido, são relevantes para essa reflexão as ideias de Homi Bhabha (1998) além da contribuição de Silviano Santiago (1982), para que essa questão seja compreendida.

Partimos para essa interpretação, pois, ao fazer a leitura analítica das narrativas serejeanas, observamos que a região de fronteira, o ambiente ervateiro é enfatizada e por vezes exaltada pelo narrador. No entanto, é perceptível que o espaço fronteiro, na obra de Hélio Serejo, é tido como um espaço deslizante, onde há o choque de culturas, em um processo de formação identitária, provocada por questões econômicas e políticas.

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com o novo que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado reconfigurando-o como um entre-lugar contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O passado-presente torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p. 27).

Os personagens de Hélio Serejo estão inseridos na região de fronteira Brasil-Paraguai, no período correspondente ao Ciclo da Erva-mate no antigo Mato Grosso. O período corresponde ao domínio da Companhia Matte Larangeira, que marcou o desenvolvimento econômico da região e provocou migrações de povos, provocando o hibridismo cultural presente na fronteira, produto do processo de formação cultural da região.

Os ervais mato-grossenses são, nesse contexto, o “entre-lugar” na literatura de Serejo, que, de acordo com Homi Bhabha (1998), é o espaço intersticial, onde há o encontro de culturas.

[...] nós devemos lembrar que é o “inter” - o fio cortante da tradução e da negociação, o entre-lugar - que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comece a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos. (BHABHA, 1998, p.69).

Os ervais mato-grossenses na fronteira Brasil-Paraguai é o terceiro espaço, onde as culturas se encontram. Assim, o processo de hibridação cultural dado pela transculturação, faz com que ocorra um contínuo processo de transformação e formação identitária.

Esse processo representado na literatura de Serejo leva à universalidade. Fatores econômicos, históricos, políticos e ideológicos influenciam para a formação cultural da região. “A universalidade ou bem é um jogo colonizador em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização”. (SANTIAGO, 1982, p. 23).

Santiago compara o processo de hibridação cultural com a antropofagia, como apresenta Santiago: “ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e

seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana.” (SANTIAGO, 1978, p. 28). O cruzamento de culturas que forma a identidade própria para determinado lugar.

Assim, entendemos que a formação cultural da região de fronteira Brasil-Paraguai deu-se a partir da hibridação de culturas impulsionadas por questões políticas e econômicas, em que indivíduos advindos de diversos contextos foram unidos pela erva-mate, e esse processo de formação cultural foi representado na obra de Hélio Serejo.

2. HÉLIO SEREJO: DO REGIONALISMO À UNIVERSALIDADE

A obra de Hélio Serejo contempla assuntos que representam o período do Ciclo ervateiro e sua contribuição histórica para a formação cultural e econômica do estado. Portanto, destaca-se em suas narrativas personagens que viveram entre o final do século XIX e início do século XX, enfatizando não só o ambiente, mas as configurações da identidade cultural da região. São perceptíveis nas narrativas as questões humanas vivenciadas pelo homem da fronteira fazendo-nos perceber o viés universal presente em sua obra.

Hélio Serejo nasceu em Nioaque, na fazenda São João, onde seu pai era proprietário de um erval, passou a infância entre a ranchada de seu pai e a cidade de Ponta Porã, e por isso aprendeu a realizar as mais diversas funções relativas ao trabalho nos ervais. Então, suas narrativas descrevem as paisagens da região de fronteira e se coloca nela. “Eu sou produto dessa paisagem porque, com ela, convivi, demoradamente, orgulhoso da vivência e sempre agradecido pela graça que me veio do Alto.” Serejo demonstra a paisagem com profunda admiração “tendo como irmã a paisagem sertaneja, orgulhoso de suas variadas formas”, onde deseja morrer “com os olhos embaciados, voltados para essa paisagem.” (2008, vol. VI, p.214)

Hélio Serejo traz em suas narrativas a representação histórica do período do ciclo ervateiro que destacou o empreendedorismo da companhia Mate Laranjeira que foi um fator preponderante para a atração de imigrantes de estados vizinhos e a utilização de mão de obra paraguaia barata, pois o país vivia a realidade do pós-guerra da tríplice aliança. “Vieram quase todos da

República do Paraguai, em dezenas de levadas, porque não estava compensando o pagamento na zona ervateira guarani.” (SEREJO, 2008, vol. VI, p.19), além da mão de obra indígena.

Os conquistadores luso-espanhóis bem como os infatigáveis jesuítas tomaram ciência dessa planta nativa, cujas folhas eram mascaradas pelos silvícolas, e passaram a estudá-la com o máximo de carinho, contando a eficiente colaboração de índios dóceis, que procuravam entender a fala mimical dos colonizadores e catequizadores, que tinham por missão principal o descobrimento de tudo o que existia nos países da bacia da Prata.” (SEREJO, 2008, vol. VI, p. 11)

Essa transformação social, impulsionada por questões políticas e econômicas, acarretou em uma região híbrida, culturalmente falando. O poderio econômico da Matte Larangeira acarretou em transformações culturais e identitárias, o que é perceptível na representação da obra serejeana.

Tomaz Laranjeira que percebeu a riqueza de erva-mate do sul de Mato Grosso, em um trabalho que realizou demarcando as terras da região no pós-guerra do Paraguai, conseguiu a concessão oficial pelo governo ainda no Brasil império em 1882. A companhia tinha a Argentina como principal importador. A exploração da erva fez a empresa expandir consideravelmente.

Não durou muito tempo e a erva daqueles ricos ervais nativos já se encontrava em condições de seguir rumo ao mercado consumidor: Buenos Aires. Era o início de uma batalha que seria travada com a erva missioneira. Em Missões, o plantio aumentava consideravelmente, pois foi descoberto um processo especial que facilitava a germinação das sementes muito antes do tempo. Entretanto, aos poucos, foram dando preferência as ervas oriundas do sul do Mato Grosso e República do Paraguai. (SEREJO, 2008, vol. VI p.15)

É inegável que o empreendimento mudou a realidade econômica da região. Os grandes lucros ocasionaram grande influência política em que acordos eram feitos para a obtenção da continuidade das concessões.

A empresa Mate tinha, nesse campo, uma máquina bem montada e como comerciava, desta ou daquela forma, com uma legião imensa de sulinos, fazendeiros, comerciantes, ervateiros proprietários de ervais, vendedores de custo, pequenos industriais e agricultores, não lhe foi difícil formar um eleitorado obediente e disciplinado. Um eleitorado da

mais alta valia, que cumpria cegamente as ordens, não traíndo nunca. (SEREJO, 2008, vol. VI p. 18).

A empresa só perdeu seu poderio político na era Vargas, em que com a fragmentação do latifúndio, com o programa de colonização “Marcha para o Oeste”, o governo não renovou a concessão de terras à Matte Larangeira em 1941.

A questão econômica levou a transformações sociais e culturais, devido ao choque de culturas ocorridas na região de fronteira no ciclo ervateiro. Nesse sentido, um dos aspectos relevantes que podemos observar no processo de formação identitária da região é o crioulismo decorrente da hibridação que Canclini define como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2000, p.19)

O ciclo da erva-mate proporcionou o encontro do português, espanhol e guarani. O crioulismo, então, circulava na região de fronteira, e através das narrativas, Hélio Serejo representa a oralidade da região e as particularidades da linguagem do fronteiriço produzidas pela miscigenação cultural.

No mundo bruto da erva-mate, o crioulismo impera, não só na vivência diuturna, mas também no falar, nas brejeiradas, nas manifestações de alegria, nas festanças e nas caminhadas exploradas. Muito – muito mesmo – de crioulismo. No labutar ervateiro. Talvez seja o mais autêntico de todos, por ser mescla de xucrismo, castelhano, guarani, modismo e expressões fronteiriças (SEREJO, 1998, p. 145-146).

O autor destaca a mistura dos falares e representa o povo dos ervais por meio do discurso oral, um dos fatores do processo de formação da identidade do fronteiriço.

Os traços de guarani, espanhol, linguajar gaúcho e paraguaio mesclados poeticamente ao português forjaram a língua fronteiriça do autor sul-mato-grossense. Porém, há uma mistura de outros aspectos da cultura que são, por conseguinte, constituintes da identidade na fronteira, sua realidade específica. São aspectos paisagísticos e culturais, marcados a todo tempo pelo uso de uma língua híbrida, própria do autor. (BRAUCKS e BARZOTTO, 2001, p. 117-118).

Serejo revela o crioulisto como embriagador, e que viveu intensamente tal fenômeno cultural.

Sorví, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômoros, os brejais infindáveis, as croas, o vargado de moitas clorofiladas, os para-tudos chamados de raios, a solitária lagoa de água azulada, os trincheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das tabôas nos aladadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desganhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarada, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Viví, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulisto embriagador. (SEREJO, 1998, p. 35).

A questão linguística, portanto, remete à compreensão da formação étnica da região sul do antigo Mato Grosso, na fronteira Brasil-Paraguai, impulsionada principalmente por questões econômicas.

Outro aspecto importante para ser destacado é o registro folclórico da região de fronteira, fator também impulsionado pela mistura de povos, mistura de credences e modismos que se faz presente entre os trabalhadores e moradores das fazendas ervateiras.

Hélio Serejo representa esse aspecto cultural como um processo com transformações regidas pela miscigenação, mostrando a evolução e construção dessas lendas de forma original. O autor constrói em suas narrativas uma relação das lendas com a representação do homem em meio à hostilidade do ambiente ervateiro. O personagem, nesse sentido, se vê na lenda e a transforma conforme a realidade local e a particularidade do indivíduo.

Tal aspecto é perceptível no conto *Lobisomem* presente na obra **Quatro Contos** (2008, vol. 1). Serejo apresenta inicialmente a lenda, conhecida pela explicação de que o lobisomem é o sétimo filho, não batizado, que, às sextas-feiras de lua cheia, amedrontava as pessoas por sua aparência peluda e horrorosa. No entanto, Serejo leva a lenda para a realidade dos ervais. O autor adapta a lenda à região de fronteira e à realidade social e seus habitantes. Passa a destacar então, o lobisomem como homem “com vida efêmera, como vindo de um negro, baixote, dentuço e cambaio.” (SEREJO, 2008, vol.1, p.130).

Serejo representa a lenda como o trabalhador dos ervais a vê. Demonstra a figura folclórica lobisomem como o homem que sofre a realidade do meio onde vive, do duro trabalho que transforma a aparência física, a expressão e a saúde do homem fronteiriço.

Morreu, assim, a crença absurda, sem apoio no mito popular e na tradição. Ficou, como deveria acontecer mesmo, o monstro oriundo da transformação do homem magrela, faces encovadas, olhar morto, andar cansado e enfermo de estomago, cujas contrações faciais, intermitentes e violentas, denotavam dores acabrunhantes e um estado febril permanente. (SEREJO, 2008, vol.1, p. 130).

A lenda, portanto, na obra de Hélio Serejo é uma forma de representar o sofrimento do homem dos ervais. O autor, assim, chega ao psicológico, em uma viagem na consciência do personagem.

Percebe-se, com a leitura analítica da obra de Hélio Serejo, que ele utiliza-se do folclore para aproximar o leitor da condição humana do povo fronteiriço, aproximando-o dos sentimentos e inquietações do trabalhador dos ervais.

As discussões apresentadas a respeito das mais diversas nuances do regionalismo na obra de Hélio Serejo, leva o leitor a uma visão universal, pois o autor mesmo apresentando um espaço geográfico específico, não deixa de contemplar a análise humana e social através de seus personagens.

Para chegarmos a um maior e melhor entendimento a respeito da relação entre regional e o universal em Serejo, pautamos as discussões aqui apresentadas, em George Lukács (1978), em que, na obra **Introdução a uma estética marxista**, em que é feita uma abordagem relacionada aos estudos ligados ao singular, particular e universal, na perspectiva do materialismo histórico, sendo entendido, mais uma vez, assim como em Serejo, um processo.

[...] os opostos (o singular é o oposto do universal) são idênticos: o singular não existe senão em sua relação com o universal. O universal só existe no singular, através do singular. Todo singular é (de um modo ou de outro) universal. Todo universal é (partícula ou aspecto, ou essência) do singular. Todo universal abarca apenas de um modo aproximado, todos os objetos singulares. Todo singular faz parte, incompletamente do universal, etc. (LUKÁCS, 1978, p. 109).

Para compreendermos essa questão, refletimos acerca da concepção histórico-social. Então, podemos chegar ao entendimento de que o indivíduo singular é um ser social. Dessa maneira, o homem é resultado do meio social, mediante as apropriações feitas por este no decorrer de sua vida em sociedade.

Nessa dialética, o sujeito singular, inserido em um meio social, depara-se com questões do comportamento humano, que ocorrem em meio à interação social. O modo como esse indivíduo se porta diante das relações sociais constitui as particularidades do sujeito em meio a situações humanas universais.

No contexto dessas controvérsias, a dialética de universal e particular tem uma função de grande monta; o particular representa, aqui, precisamente, a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade. Assim, Marx – nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos – diz: “Deve-se evitar, sobretudo, fixar a ‘sociedade’ como uma abstração em face do indivíduo. O indivíduo é *ente social*. A sua manifestação de vida - mesmo que não apareça na forma direta de uma manifestação da *vida comum*, realizada ao mesmo tempo com outros – é, portanto, uma manifestação e uma afirmação de vida social. A vida individual e a vida genérica do homem não são *distintas*, ainda que – necessariamente – o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais geral de vida genérica, e a vida genérica seja uma *particular* ou mais geral vida individual. (LUKÁCS, 1978, p. 93).

Levando-se em conta a relação entre estética, arte e sociedade, o aspecto principal, abordado pelo artista, é a particularidade. O autor, portanto, atinge a universalidade quando consegue apresentar o indivíduo em sua totalidade, ou seja, expor de modo claro, aspectos do ser, tanto sociais quanto singulares.

Naturalmente, em muitos artistas importantes, desempenha um grande papel, a ajuda que eles recebem da filosofia ou da ciência. Mas tal ajuda só é verdadeiramente fecunda quando aparece não como teoria pronta e acabada, pronta para ser usada, mas como instrumento para compreender com maior profundidade, riqueza e amplitude os fenômenos da vida. (LUKÁCS, 1978, p. 163).

Por meio de seus personagens, o autor literário apresenta o universal e o particular. De modo que o leitor se reconhece na obra, devido ao fato de os assuntos abordados pelo autor, pertencerem à humanidade. Este é, portanto, o conceito de universalidade, o ser social apresentado em sua subjetividade:

Quanto maior fôr o conhecimento que o artista tiver dos homens e do mundo, quanto mais numerosas forem as mediações que êle descobrir e (se necessário) acompanhar até a extrema universalidade, tanto mais acentuada será esta superação. Quanto maior fôr a sua força criadora, tanto mais sensivelmente êle retransformará as mediações descobertas numa nova imediaticidade, concentrando-as organicamente nela: êle formara um particular partindo do singular. (LUKÁCS, 1978, p. 164).

Hélio Serejo coloca seus personagens no ambiente localizado na divisa entre o Brasil e o Paraguai, mais especificamente nos campos ervateiros do antigo Mato Grosso, onde se pode notar um lugar de encontro cultural entre povos. Neste ambiente, o autor consegue mostrar que o indivíduo singular, em contato com o social, é levado à comportamentos particulares, partindo, então, para o universal, em um contínuo processo.

O regional é representado com muita ênfase na obra do autor, que foca nas vivências das personagens dentro dos ervais mato-grossenses e tudo o que este ambiente hostil provoca nos personagens. O espaço torna-se, então, lugar perfeito para a realização de uma análise psicológica das personagens e da formação de sua identidade.

Percebe-se então a universalidade na obra serejeana, por apresentar uma análise global do momento histórico representado. O ambiente hostil não é utilizado para uma descrição, mas à abrangência para a análise psicológica dos personagens em um processo de formação da identidade impulsionada por fatores diversos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os aspectos do regionalismo na obra de Hélio Serejo, encontramos fortes traços da descrição da paisagem, vezes exaltada pelo autor, vezes colocada como ambiente de hostilidade. No entanto, Serejo não se vale apenas do pictórico para compor sua obra literária, mas atém-se a fatores políticos, econômicos, que impulsionaram o processo de hibridação cultural da região o que decorreu na originalidade linguística, devido à formação étnica miscigenada da região.

Além da representação linguística, Serejo apresenta as particularidades folclóricas do ambiente fronteiriço, fator também resultante do processo de formação identitária da região. Em meio a essas representações, Serejo revela uma análise comportamental, utilizando-se das lendas para adentrar na consciência dos personagens e expor suas inquietações.

As reflexões acerca das faces do regionalismo de Hélio Serejo aqui apresentadas levam-nos a uma visão abrangente dos conceitos de regionalismo e a percepção de uma obra literária voltada não apenas à descrição da paisagem local, mas sim da formação cultural e identitária com forte conteúdo de representação histórica. Além disso, o autor enfatiza o sujeito inserido naquele ambiente e seus aspectos singulares, que em contato com as questões humanas e as relações sociais demonstram suas particularidades, a sua consciência, sentimentos e angústias. Essa leitura humanizada da obra de Serejo leva-nos a uma perspectiva universal, com um conteúdo que não se restringe a um dado ambiente geográfico, mas relaciona-se à questões inerentes à pessoa humana como um ser social.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BRAUKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. O crioulo de Hélio Serejo: uma representação literária do regionalismo no Mato Grosso do Sul. IN: **Revista REVELL**. Ano 2, V.1, 2011.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para sair da modernidade**. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. IN: **Pontos de Vista. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, 1995, p. 153-159.
- LUKÁCS, Georg. **Introdução à estética marxista**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1978.
- MIGUEL-PEREIRA. Lúcia. **História da literatura brasileira, prosa de ficção de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio/MEC, 1973.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-29.

SANTIAGO, Silvano. **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SEREJO, Hélio. **Contos Crioulos**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1988.

SEREJO, Hélio. Carai. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. VI. Campo Grande: IHGMS, 2008.

SEREJO, Hélio. Paisagem sertaneja. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. VI. Campo Grande: IHGMS, 2008.

SEREJO, Hélio. Quatro Contos. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. I. Campo Grande: IHGMS, 2008.

SEREJO, Hélio. Vida de Erval. In: **Obras Completas de Hélio Serejo**. Vol. IV. Campo Grande: IHGMS, 2008.